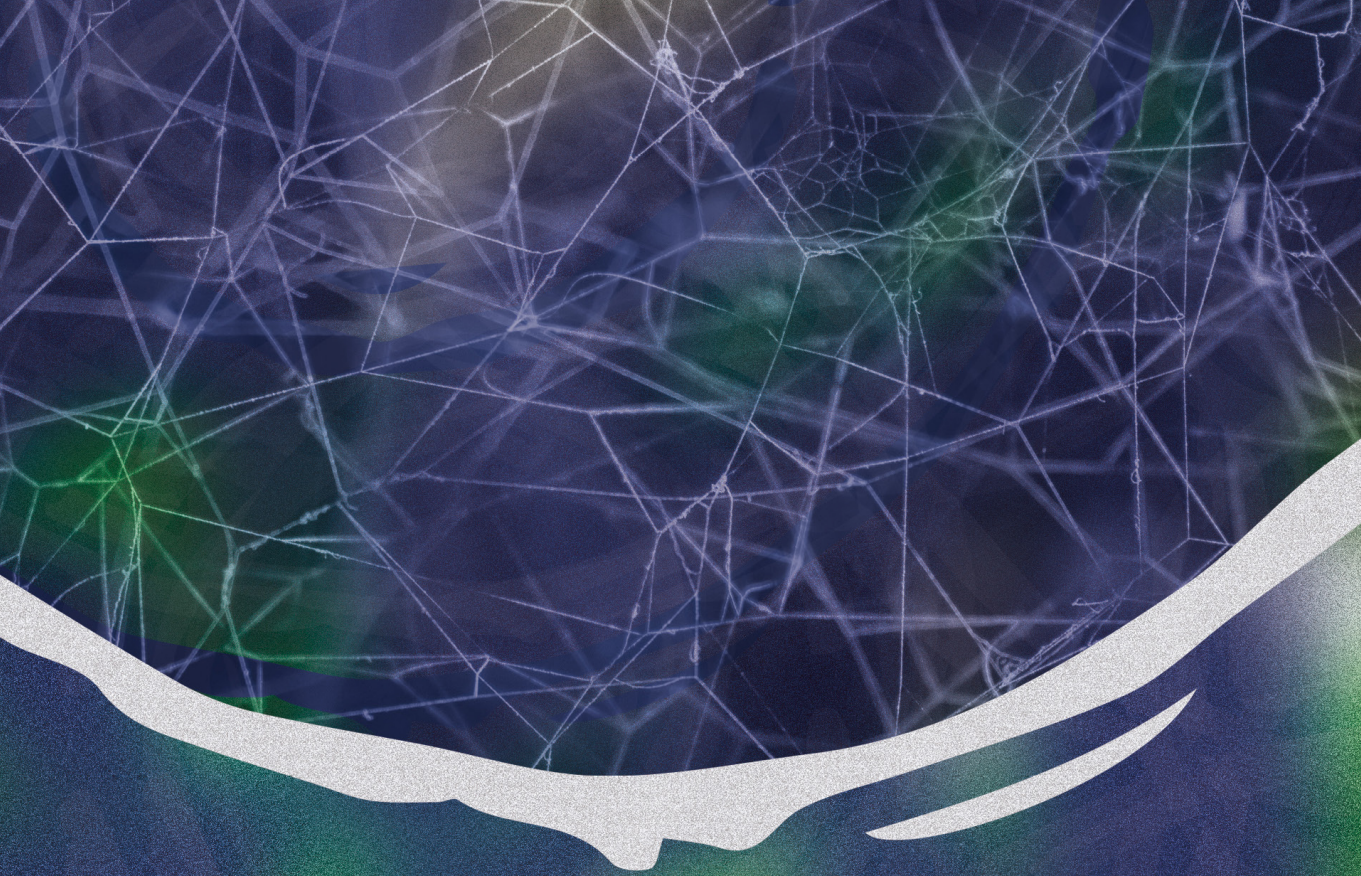


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 2 – Infâncias

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck

Clara Alessandra Santana Borba

O presente ensaio descreve uma experiência pessoal vivida em um período de internação no hospital em razão de um procedimento cirúrgico. Aborda o convívio e a observação do comportamento das crianças também internadas na ala da pediatria, por meio dos quais se pôde perceber e constituir concepções de infância que entram em confronto direto com a ideia de que exista uma noção universal de infância e, de igual modo, que assim seja com as etapas do desenvolvimento infantil. Logo, a partir de análises e de conhecimentos, foi exposta a heterogeneidade das infâncias e das formas e etapas de desenvolvimento de cada indivíduo, já que diferentes contextos e singularidades influenciam diretamente nas formações dessas concepções.

Em 2017 fui diagnosticada com escoliose, um desvio lateral na coluna que felizmente não me causou dores maiores e descobri, ironicamente, enquanto fazia uma viagem. Contudo, o desvio devia ser tratado e alguns meses depois de ter retornado para casa, procurei um médico ortopedista, que logo orientou meus pais para que fizessem meu cadastro no Hospital Sarah Kubitschek. Meses após o cadastro, consegui uma consulta e depois outras e várias, até o dia da minha cirurgia que tanto idealizei.

Não tive medo ou anseios, eu me encantei pelo Hospital Sarah num nível que cada consulta era motivo de alegria, além da total confiança que meu médico me passou. O que me confrontou na minha internação, e foi minha reflexão diária até o momento de estudo das concepções de infâncias, foram as crianças que encontrei lá na pediatria. A ala de internação da pediatria era um andar inteiro e não era dividido em quartos, todos tínhamos contato com todos e fazíamos as refeições juntos. No centro ficavam as bancadas das enfermeiras e cuidadoras, ao redor as macas de cada criança internada, os banheiros e o alojamento dos pais. As refeições diárias eram feitas na imensa varanda com vista para o céu de Brasília e para a jardinagem do hospital.

E foi nessa linda varanda que pude conhecer três das tantas crianças que eram minhas companheiras naquele momento: a Julia, o Diogo e o Tiago. Eles conversavam espontaneamente enquanto comiam e me receberam muito bem. Tinham em média sete anos de

idade e estavam no hospital há meses. Essa era uma questão para mim, enquanto os olhava com uma perspectiva horrível de pena, como se suas infâncias tivessem sido interrompidas e não fossem viver esse momento da vida.

Então comecei a observar essas crianças durante meu pós-operatório que, por ser muito doloroso, somente da maca os pude ver correr para todos os lados. Elas realizavam todos os tipos de atividades: criativas, interativas e educacionais, faziam natação, brincadeiras e tinham também um dia de lazer em que iam ao shopping, além do tratamento proposto pelo hospital. Em um dos dias mais difíceis que tive, de muita dor, elas pararam de brincar, me acolheram e me desejaram muita força ao me verem chorando. Ao voltarem para suas brincadeiras, uma enfermeira me disse: "elas [as crianças] já passaram por todo tipo de dor, mas são bem mais fortes do que a gente". Logo, o fato é que é que elas estavam sim vivendo suas infâncias e regendo-as, mesmo longe de casa, de seus parentes e da escola, enquanto viviam cotidianamente com seus amigos e figuras materna e/ou paterna, criando uma rede de força e amparo um no outro.

Elas ocuparam o lugar em que estavam brilhantemente e, a partir do contexto em que se apresentavam e da singularidade de cada uma, fizeram do hospital um local de pertencimento e se conectaram com outras crianças e atividades, desenvolvendo sociabilidade e desenvoltura próprias. Sob o olhar dos devidos responsáveis e dos profissionais de saúde que as acompanhavam diariamente, conceberam uma noção de infância que poderia negar ou expandir as noções desses que estavam ao seu redor. E tudo isso num contexto não escolar, sem rejeitar a educação, até porque, como destaca Brandão:

> Não há uma forma única nem um único modelo de Educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. Em mundos diversos a Educação existe diferente [...] (Brandão, 1985, p. 9)

É importante inferir que isso não desvaloriza a educação escolar, mas também pode ser visto no estudo antropológico da participação das crianças nas atividades produtivas familiares no Paraná, no qual as crianças regem suas infâncias não só com a participação no contexto escolar, mas também "ajudando" seus parentes e adquirindo as habilidades e valores que suas famílias agricultoras consideram como fundamentais, já que nesse contexto "a experiência escolar não é considerada suficiente para prover todos os conhecimentos e valores que as crianças precisam aprender [...]" (Tassinari, 2015, p.144).

Dessa forma, as noções e concepções de infâncias e a educação e as etapas do desenvolvimento infantil se apresentam diferentes para cada contexto e para cada indivíduo, povo, cultura. Não é possível que esses termos e seus aprofundamentos sejam generalizados e universalizados, mas sim estudados e considerados a partir da singularidade de cada vivência e das diferentes formas de enxergar o mundo.

Felizmente, hoje percebo o preconceito e a dificuldade que tive de aceitar e, mais ainda, perceber uma concepção de infância que converge com a ideia errônea de que

existe uma concepção universal de infância e que me incapacitava de enxergar aquelas crianças do hospital como "sujeitos plenos e capazes" (Cohn, 2013, p. 239). Afinal, o que poderia me impedir mais do que isso de aceitar as infâncias que aquelas crianças constituíam em um ambiente que eu mesma dizia amar?

A Júlia, o Diogo e o Tiago estavam lá e usufruíam da melhor forma que podiam, dentro de seus limites e capacidades, que eram altamente respeitados, de tudo que lhes fora oferecido. Ademais, tinham um ao outro e, diferentemente de outras crianças, tinham a presença de seus pais e/ou mães durante todo o dia, além dos múltiplos profissionais que cuidavam da saúde de cada um deles. E tudo isso faz com que eles concebam suas infâncias de uma forma distinta a de crianças de outras realidades, não invalidando nem superiorizando essa ou outras formas, mas levantando uma questão analítica.

Portanto, ressalta-se a importância da Antropologia e de seus estudos, suas etnografias e contribuições aos estudos das concepções de infâncias, pois

> a Antropologia nos permite entender outros modos de ser criança que nem sempre são reconhecidos nas políticas públicas de saúde, educação, e no direito, mesmo naquelas políticas mais bem-intencionadas e mais afeitas aos direitos da criança e do adolescente (Cohn, 2013, p. 239).

A perspectiva da Antropologia também contribui para refletirmos sobre a educação e o desenvolvimento humano, pois estudos antropológicos da infância vêm "questionando a visão naturalizada e universal da infância e das etapas do desenvolvimento infantil e apontando para a agência das crianças enquanto produtoras de sociabilidade e cultura." (Tassinari, 2015, p. 144).

Infelizmente, não tive mais contato pessoal com aquelas crianças depois que saí do hospital e, só o que sei agora, mesmo que tenha demorado anos para descobrir, é que nada lhes foi tirado, mas sim constituído delas para elas e para a sociedade.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO